

MAMOA V DE CHÃ DE ARCAS – BAIÃO. PRIMEIRA NOTÍCIA

por

Margarida Moreira e Lourenço Carneiro

Resumo: Este monumento megalítico está implantado numa pequena chã a cerca de 930 metros de altitude, na margem esquerda do rio Ovil. Os trabalhos de escavação, que ainda decorrem, estão inseridos no projecto do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira (coordenado pelo Prof. V. O. Jorge).

Estamos perante um dólmen de corredor que, atendendo ao espólio encontrado, provavelmente será do Neolítico Final. Contudo, é ainda prematuro avançar com certezas e conclusões, uma vez que este monumento, como dissemos, ainda se encontra em fase de estudo.

Palavras-chave: Megalitismo. Aboboreira. Dólmen de corredor.

1. SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

A mamoa V de Chã de Arcas situa-se na freguesia de Loivos do Monte, concelho de Baião, distrito do Porto, e apresenta as seguintes coordenadas geográficas (segundo a Carta Militar de Portugal, escala 1/25000, folha 125 – Baião):

Latitude: 41° 11' 36" N.

Longitude: 01° 10' 37" E. Lx.

Altitude aprox.: 930 metros.

Encontra-se implantada no extremo Este de uma chã, a Norte do marco geodésico de Chã de Arcas e a Este da aldeia de Loivos do Monte, sendo a maior de um núcleo composto por mais quatro monumentos¹.

¹ O monumento designado por Mamoa III de Chã de Arcas foi já objecto de estudo pelos Drs. Joel Cleto e Suzana Faro.

2. METODOLOGIA E TRABALHOS DE ESCAVAÇÃO

Os trabalhos de escavação da Mamoa V de Chã de Arcas decorrem no âmbito do Projecto de Investigação do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira, e têm contado com o apoio logístico e financeiro da Câmara Municipal de Baião, Escola C+S de Baião, Instituto Português da Juventude e Governo Civil do Porto².

A metodologia utilizada no início dos trabalhos foi a usual em monumentos deste tipo. Assim, após a remoção da vegetação existente, foi feita a quadriculagem de todo o monumento, abrangendo uma área total de 1020 m², com uma rede de quadrados de 2 m x 2 m orientados pelos pontos cardeais. Posteriormente, procedeu-se ao levantamento de todas as cotas, distanciadas entre si de um metro, tendo sido feita a respectiva planta de curvas de nível.

Após a limpeza superficial de toda a área quadriculada, foi feito o registo de todos os elementos pétreos que afloravam, tendo-se verificado que estes se concentravam junto à câmara do monumento e área de violação (muito possivelmente em resultado desta).

Dada a forma aproximadamente elíptica da mamoa, o facto de os esteios da câmara que afloravam se situarem no seu extremo Norte, e de a área afectada pela violação se situar na parte central e no sentido Norte/Sul, suposemos tratar-se de um monumento de corredor (o que, aliás, se veio a confirmar, embora com uma localização diferente) pelo que foram abertas duas sanjas próximo do extremo Sul da mamoa, com o fim de se confirmar, ou não, a sua existência o que, em caso afirmativo, nos daria a possibilidade de observar e registar um corte estratigráfico no sentido do seu comprimento. Contudo, tal não se veio a verificar, tendo-se apenas conseguido detectar a parte terminal do contraforte da câmara, que foi posteriormente decapado em parte, o que permitiu constatar tratar-se de um contraforte de grandes dimensões e de acentuada inclinação.

Com a continuação dos trabalhos foi posto a descoberto o fragmento de um dos esteios da câmara, assim como os “calços” que o sustentavam pelo exterior, pelo que podemos afirmar que este se encontra *in situ*.

No decorrer da escavação do interior da câmara dolménica, foi detectada uma laje de grandes dimensões, que concluímos ser a de cabeceira, e que por ocupar praticamente todo o interior da câmara, obrigou à interrupção dos trabalhos. Estes só poderão ser concluídos após a recolocação da laje no seu local original, o que implica a escavação de uma zona exterior à câmara (a fim de se detectar a sua base e fossa de assentamento), bem como a utilização de meios técnicos importantes.

² Queremos também expressar toda a nossa gratidão a quantos, de uma forma directa ou indirecta, participaram nos trabalhos já efectuados.

Relativamente ao corredor de acesso, optámos por escavar primeiro a sua metade Sul (tanto no seu interior como no exterior, tendo por isso sido posto a descoberto o seu contraforte), de modo a permitir uma leitura estratigráfica do seu enchimento ao longo de toda a sua extensão, uma vez que já se havia feito uma outra leitura estratigráfica no sentido da sua largura, junto à entrada da câmara, embora sem resultados significativos, uma vez que toda a área havia alvo de profundos remeximentos.

As leituras estratigráficas, feitas até ao momento, revelaram a existência de apenas três camadas importantes, sendo elas, sucessivamente, de cima abaixo: humosa, terras do *tumulus* e solo antigo. De salientar o facto de ter sido também observado um “piso” de saibro calcado entre o solo antigo e as terras do *tumulus*, o que mostra ter havido uma preparação prévia do solo onde o monumento ia ser edificado.

Gostariamos ainda de referir que, dadas as características do monumento em estudo, se impõe que seja feita uma escavação em área, pelo que não se prevê que a conclusão dos trabalhos seja a curto prazo.

3. ESPÓLIO

Se tomarmos como ponto de referência os monumentos já estudados na área do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira, podemos afirmar que o espólio exumado até ao momento (com excepção do cerâmico) é rico, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo.

No que diz respeito ao espólio cerâmico os fragmentos pré-históricos recolhidos até ao momento não são em quantidade suficiente de modo a determinar formas, e não apresentam qualquer tipo de decoração.

Relativamente ao espólio lítico, a situação é bem diferente, uma vez que foram recolhidas onze pontas de seta em sílex e uma em quartzo hialino; sete micrólitos geométricos, dois dos quais em quartzo hialino e os restantes em sílex; uma lâmina sem retoque e três retocadas, além de vários fragmentos de outras, todas em sílex; algumas lamelas e lascas residuais, também em sílex; três machados polidos em anfibolito. Objectos de adorno³: cerca de três centenas de pequenas contas discóides em xisto; dois fragmentos de uma conta em variscite, o fragmento de uma segunda e uma outra inteira; uma conta em malaquite (?) e uma de cor preta (em análise). Objectos por determinar: um fragmento semi-cilíndrico (uma

³ Agradecemos toda a colaboração prestada na análise dos materiais à Prof.^a Maria Ondina Figueiredo, investigadora-coordenadora do Instituto de Investigação Científica Tropical – Centro de Cristalografia e Mineralogia, assim como ao Dr. António A. Huet de Bacelar Gonçalves, do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

das suas faces foi aplanada) em actinolite (anfíbolizada); um fragmento de âmbar (conta?) e um fragmento de obsidiana.

O espólio metálico recolhido cinge-se apenas a um fragmento de um possível bracelete, em cobre.

Quanto às áreas do monumento onde todo este espólio foi recolhido, podemos referir que a cerâmica se encontrava no contraforte, câmara e corredor, sempre em camadas extremamente revolvidas como resultado das sucessivas violações que o monumento sofreu. Já no que toca ao espólio lítico e metálico, mais uma vez a situação se nos afigurou diferente, uma vez que foi recolhido nas áreas da câmara e corredor (à excepção de uma ponta de seta recolhida à superfície aquando da decapagem inicial do monumento) com especial incidência neste último, havendo inclusivamente alguns objectos que se encontravam *in situ* e que serão devidamente localizados na planta do monumento após a conclusão dos trabalhos.

4. MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Todos os vestígios de pintura detectados até ao momento encontram-se numa fase inicial do seu estudo, sendo, por isso, prematuro fazer qualquer tentativa de interpretação. Contudo, gostaríamos de salientar um motivo representado num dos esteios do corredor. Trata-se de uma pequena área (cerca de 3 cm de largura e 30 cm de comprimento) intencionalmente polida e contornada por uma linha a ocre vermelho, cujo significado e paralelos desconhecemos. De referir ainda que no contraforte do corredor foi encontrado um pequeno fragmento de ocre, cuja cor corresponde à do motivo referido

5. TRABALHOS DE CONSOLIDAÇÃO

Dado que defendemos que os trabalhos de restauro e consolidação dos monumentos devem ser parte integrante do projecto de escavação e que, sobretudo nos monumentos cujo estudo se prolonga por várias campanhas de escavação, estes podem decorrer em simultâneo, procedemos à consolidação da área estudada inicialmente (sanjas A/H 11 e 12) a fim de restituir ao monumento o aspecto que tinha antes das intervenções arqueológicas⁴.

⁴ Sob orientação da Dra. Carla Stockler Nunes, a quem agradecemos também toda a colaboração prestada ao longo de várias campanhas de escavação.

Assim, foi feita uma limpeza da área a reconstituir, após o que se procedeu à edificação de um muro em pedra vã⁵ para contenção das terras utilizadas na reconstituição da mamoa, uma vez que na área contígua os trabalhos de escavação irão prosseguir. Gostaríamos ainda de salientar que este muro, em caso de necessidade, poderá ser retirado, e que no caso de se optar pela sua permanência, se distinguirá das restantes estruturas edificadas pelos construtores do monumento, devido à diferente técnica utilizada na sua construção.

Os trabalhos de reconstituição do *tumulus* iniciaram-se pela deposição na rocha-mãe de uma camada de cascalho com cerca de 30 cm e em declive, de forma a acompanhar a inclinação da mamoa existente. Seguidamente, foi toda a área preenchida com terras do *tumulus*, que haviam sido crivadas aquando da escavação, para evitar a inserção de materiais arqueológicos e de raízes.

Finalmente, foi colocada uma camada de pedra à mesma cota de couraça e com a mesma inclinação, para uma melhor drenagem das águas pluviais e para evitar a erosão natural, após o que se fez uma nova deposição de terras, de modo a cobrir essa mesma camada de pedras.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o estudo deste monumento não esteja ainda concluído, podemos afirmar tratar-se de um monumento de grande importância para o megalitismo da região, não só pelo espólio recolhido até ao momento, mas também pelas estruturas apresentadas.

Assim, estamos perante um grande dólmen, de corredor médio, que se diferencia da câmara em alçado mas não em planta, e aberto a nascente.

Relativamente à câmara, que actualmente apresenta cinco esteios, pensamos que originalmente seria composta por sete, uma vez que existe um hiato entre o primeiro esteio do corredor e aquele que agora se apresenta como sendo o primeiro a fazer parte da câmara funerária, no seu lado Sul. Por outro lado, junto à laje de cabeceira e também do lado Sul, existe um pilar, não se manifestando o seu congénere no lado Norte. Estamos cientes que esse pilar em falta corresponde a um que se encontra sobre a mamoa, no seu extremo Sudeste. Este problema poderá ser resolvido aquando da escavação da área exterior à câmara, já referida, e que terá como fim detectar a base da laje de cabeceira e respectiva fossa de assentamento. Nesse momento dos nossos trabalhos, poderá ser também detecta-

⁵ Foram utilizadas pedras do monumento, sendo a consolidação feita com terra e cascalho, não tendo por isso sido utilizado cimento.

da, ou não, a fossa de assentamento do pilar do lado Norte.

Relativamente ao corredor, e dado que apenas uma pequena parte foi escavada, podemos apenas referir que se compõe por três esteios conservados, cuja principal característica é a sua espessura de cerca de 30 cm.

Neste momento, e atendendo ao espólio encontrado, apenas nos é lícito referir que possivelmente estamos perante um monumento do Neolítico Final.

Est. I



Foto 1 — Pormenor do contraforte da câmara.

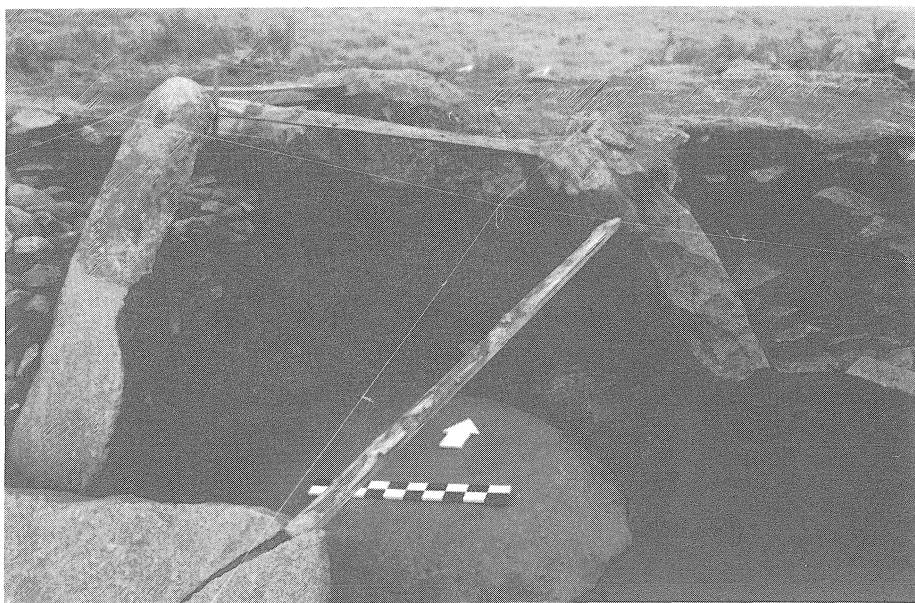


Foto 2 — Câmara, podendo-se observar a laje de cabeceira caída no seu interior.

Est. II



Foto 3 — Câmara e parte do corredor de acesso (em escavação).